

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL NA EDUCAÇÃO

Autores: Maria dos Remédios Lima Silva¹; Alexandre Anselmo Guilherme²

Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre a existência e o desenvolvimento da inteligência espiritual no contexto escolar. Pretende-se discutir, a partir de aportes teóricos, a importância e a necessidade da valorização de uma inteligência que confira sentido e significado do existir humano, além das inteligências usualmente conhecidas e desenvolvidas no cotidiano. A dimensão da espiritualidade é apresentada como parte integrante de todo e qualquer humano: independe de credo religioso. As argumentações apresentam reflexões a partir do contexto atual no qual estamos inseridos, tendo em vista uma educação que valorize todas as dimensões que compõem uma formação integral. Dar-se-á, então, ênfase ao conceito de inteligência espiritual, dimensão identificada como essencial, que compõe o ser humano, visando obter uma perspectiva integral formativa do todo.

Palavras-chave: Inteligência espiritual. Espaço escolar. Educação integral.

INTRODUÇÃO

A partir de uma abordagem metodológica bibliográfica, a temática da inteligência espiritual é apresentada como possibilidade de ensino e inovação e na atuação docente. A ênfase será pautar uma reflexão que inclua essa inteligência no “hall” das inteligências tradicionalmente conhecidas e desenvolvidas principalmente em sala de aula. Em tempos pós-modernos, privilegia-se a inteligência racional ou intelectual, que é utilizada para elaborar e construir conceitos por meio da ciência. É por ela que muitas questões são resolvidas, muitos problemas são solucionados por meio de um pensamento lógico guiado por regras, normas objetivas, padrões preestabelecidos.

Gardner (1995) menciona uma espécie de padronização da inteligência, modelo que perdurou por muito tempo. As pessoas acreditavam que havia um único tipo de inteligência. Confundia-se memória com inteligência. O autor assegura, porém, neste tempo, com o predomínio de memórias artificiais, cada vez mais sofisticadas e ao alcance de todos, que ter

¹ Doutoranda em Educação – PUCRS. Email: maria.remedios@acad.pucrs.br.

² Professor Dr. Alexandre Anselmo Guilherme-Prof. Pesquisador PPGEdu -Editor Associado Revista Educação – PUCRS -Coordenador do Grupo de Pesquisas em Educação e Violência – GruPEV.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

memória seria pouco relevante e ser inteligente seria outra coisa. A partir desse cenário, qual seria uma possível definição para inteligência?

Gardner (2000) define inteligência como a “capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários” (p.14). Apresenta uma ideia plural da mente humana que se revela por meio de distintas facetas, compondo um universo de várias inteligências. Cada pessoa possui forças cognitivas separadas e estilos cognitivos diferentes. A partir dessa perspectiva, considera-se com muita seriedade uma visão multifacetada de inteligência. Rompe-se com a visão tradicional de inteligência que era difundida, como apenas a capacidade de enfrentar testes, respondendo a itens preestabelecidos.

Assim, este artigo traz à tona uma reflexão sobre os conceitos de inteligências conhecidas, apresentando a inteligência espiritual. Cada inteligência possui uma função específica, apresentada por estudiosos ao longo da história da humanidade. O que caberia à inteligência espiritual? Qual seria o seu emprego? Qual a sua aplicabilidade à docência?

DESENVOLVIMENTO

Fazendo referência à teoria das inteligências apresentadas por teóricos ao decorrer dos tempos, pode-se conferir o que Zohar e Marshall (2012) escreveram sobre essa temática, quando assim expressam:

Em inícios do século XX, o QI (Quociente de inteligência) tornou-se grande assunto de conversas. Nossa inteligência intelectual ou racional é aquela que usamos para solucionar problemas lógicos ou de grande importância. Psicólogos desenvolveram testes para medi-la. Esses testes se tornaram meios para classificar pessoas em graus de inteligências, conhecidos como seu QI, que supostamente lhes indicaria as habilidades ou talentos. Quanto mais alto o QI do indivíduo, dizia a teoria, maior sua inteligência (p.17).

Esses autores supracitados mencionam que, em meados dos anos noventa, Daniel Goleman³ divulgou pesquisas realizadas por numerosos neurologistas e psicólogos,

³ Daniel Goleman, ph.D., é psicólogo formado pela Universidade de Harvard. Durante doze anos, escreveu para o New York Times, sendo indicado duas vezes ao Prêmio Pulitzer. Foi cofundador de um grupo colaborativo que tem como missão ajudar as escolas a implementar aulas de inteligência emocional. Também é codiretor de um grupo que recomenda práticas de desenvolvimento de habilidade de inteligência emocional e promove pesquisas rigorosas sobre a contribuição da inteligência emocional ao desempenho no ambiente de trabalho. Dele, a Objetiva publicou *Inteligência emocional, trabalhando com a inteligência emocional, O cérebro e a inteligência emocional e Foco*. (OBJETIVA, 2016).

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

apresentando a inteligência emocional. Para tanto, como abreviação conveniente, chamou de QE, “Quociente Emocional (QE)”, que reveste-se de igual importância. “O QE dá-nos percepção de nossos sentimentos e dos sentimentos dos outros. Dá-nos empatia, compaixão, motivação e capacidade de reagir apropriadamente à dor e ao prazer”. (ZOHAR e MARSHALL, 2012, p. 17).

Além dos dois, os conhecidos “Quociente Intelectual (QI) e Quociente Emocional (QE)”, Zohar e Marshall (2012) apresentam, em fins do século XX, um conjunto de dados científicos que demonstram a existência de um terceiro “Q”: o “QS” (Quociente Espiritual). Em termos gerais, referiam-se à inteligência como sendo possível abordar questões relacionadas ao sentido da vida em uma dimensão mais ampla. Reconhecer que existe uma nova inteligência, a inteligência espiritual (QS), poderia ser uma possibilidade de alento para tentar resolver algumas questões existenciais emergidas pelo esvaziamento de sentido. Segundo o que se tem de conhecimento, o conceito de inteligência espiritual foi desenvolvido pela primeira vez de forma sistematizada por Zohar e Marshall (2012), mesmo que paradoxalmente os autores afirmem que a inteligência espiritual “é uma capacidade tão antiga quanto a humanidade” (p.25).

Gardner (1995), em seu livro “Inteligência Múltiplas”, defende que há sete tipos de inteligências, incluindo a linguística, a lógico-matemática, a espacial, a musical, a corporal-cinestésica, a interpessoal e a intrapessoal. Com a propagação da “Teoria das Múltiplas Inteligências”, ocorre a ampliação do habitual conceito de inteligência, retirando a hegemonia do determinismo genético em favor dos aspectos ambientais e culturais. “Uma inteligência implica a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou cultura” (p. 21).

O termo inteligência, segundo Gardner (1995) fora utilizado, até o final do século passado, comumente, para a descrição das destrezas mentais de si e dos outros, contudo sem precisão. A concepção de inteligência na sociedade ocidental representava compreensão rápida, astúcia ou sabedoria. Já em outras culturas, nenhum termo coaduna com essa noção.

Torralba (2013) apresenta a etimologia da palavra inteligência, que é de origem latina: *intelligentia* provém de *intelligere*, termo composto por *intus* (entre) e *legere*, que significa escolher ou ler. Nessa abordagem, ser inteligente seria saber escolher entre várias alternativas a melhor, mas não apenas: é preciso saber ler “dentro das coisas”. E isso somente seria possível se a pessoa, antes de escolher, deliberasse os prós e contras diante de tal decisão, para precisar

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

consequências futuras. Com essa percepção, evidencia-se que “uma pessoa inteligente é, de fato, uma pessoa que sabe separar o essencial do acidental, o valioso do que carece de valor, aquilo de que necessita para desenvolver uma determinada atividade daquilo que é irrelevante para a mesma” (p. 16).

Em outra perspectiva, cabe pensar em possibilidades infinitas que a inteligência humana pode atingir, sem jamais esgotar sua capacidade de compreensão, a partir de estudos e conhecimentos de alguns teóricos:

Nem o QI nem o QE, separadamente ou combinados, são suficientes para explicar a enorme complexidade da inteligência humana nem a riqueza imensa da alma do homem e de sua imaginação. [...] O QS permite que seres humanos sejam criativos, mudem as regras, alterem situações. O QS dá-nos capacidade de escolher. Dá-nos senso moral, a capacidade de temperar normas rígidas com compreensão e compaixão e igual capacidade de saber quando a compaixão e a compreensão chegaram a seus limites. Usamos o QS (Quociente Espiritual) para lutar com questões acerca do bem e do mal e imaginar possibilidades irrealizadas – sonhar, aspirar, nos erguermos da lama (ZOHAR e MARSHALL, 2012 p. 19).

Os autores defendem que, de modo geral, as três inteligências básicas – QI, QE e QS, que abrangem muitas outras, funcionam juntas, numa perspectiva de apoio mútuo, e que o cérebro é organizado de tal maneira que possibilita que elas façam essa dinâmica. Nessa percepção, a inteligência espiritual seria denominada como a inteligência da alma⁴, com a qual é possível curar as pessoas para que elas se tornem mais íntegras, já que vivem em um mundo fragmentado. Essa abordagem poderia ser uma oportunidade apresentada como possibilidade para contribuir com a superação do tal vazio criado pela Modernidade. Vive-se um vazio existencial estampado, expresso nas relações. A sociedade moderna privilegia o corpo em detrimento do espírito. Existe um investimento acentuado na dimensão corpórea, sendo indício disso o elevado número de academias de ginástica. Em hipótese nenhuma se sugere desprezo aos cuidados com o corpo; entretanto, ressalta-se que essa dimensão deve estar equiparada às demais, para que se encontre um possível equilíbrio, tendo uma visão do todo, visão holística⁵, que concebe o ser humano com parte do universo. Na verdade, o indivíduo é um todo, compõe

⁴ Alma - é o que é essencialmente eu. Meu ser puro que é somente meu ser. É o “eu sou” de mim. É o âmbito de mistério que há em mim que me permite alcançar níveis profundos e infinitos de relações. É aquela parte mais profunda de nós mesmos. (TREVISOL, 2011, p. 20).

⁵ “O holismo, ou a visão holística é uma maneira de ver o mundo, o Homem e a vida em si como entidades únicas, completas e intimamente associadas. Essa palavra vem do grego HOLOS, que significa "Inteiro" ou "Todo", como em "Holograma" (grama=figura/ Holos=inteira), e representa um novo paradigma científico e filosófico que surgiu como resposta ao mal-estar da pós-modernidade, que é em grande parte causado pela cisão dos aspectos humanos e naturais trazida pelo antigo paradigma.” (INSTITUTO RENASCER DA CONSCIÊNCIA, 2015).

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

uma totalidade e não parcelas estanques. Visa-se tentar integrar o homem ao universo/natureza em seus diversos aspectos: físicos, emocionais, mentais e espirituais.

O ser humano não é unicamente matéria física, nem somente consciência e razão, nem tampouco só emoções. Quando se privilegia apenas algumas dessas dimensões de forma isolada, obviamente perde-se a visão da sua integridade. Dar-se-á, então, ênfase ao conceito de espírito como dimensão essencial que compõe o ser humano, visando a obter uma perspectiva integral formativa do todo. Boff e Betto (1994) trabalham nessa mesma direção, assim se posicionando: “espírito é o ser humano na sua totalidade enquanto ser que pensa, que decide, que tem identidade, que tem subjetividade, é sujeito” (p. 47). Esses autores continuam ampliando o conceito de espírito, possibilitando uma compreensão mais precisa:

O espírito é o modo de ser. Não é uma parte do ser humano, é uma maneira de ser desse ser exótico na natureza que aparece como homem e mulher, na medida em que ele faz história, isto é, constrói a si mesmo junto com os outros. É um ser cultural, da natureza, mas que atua sobre ela, modificando-a: destruindo-a ou pilotando-a positivamente. É um ser ético, que decide os prós e os contras, que tanto pode desejar o bem do outro, associando-se a ele, como pode rejeitá-lo, eliminando-o [...] espiritualidade é captar esse movimento do mundo, o seu dinamismo, a presença do Espírito nas coisas todas (p. 47).

Boff (2009), em seu artigo “Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária”, reafirma a concepção de espírito, assegurando que, para compreendermos o conceito de espírito, é preciso buscar desenvolver uma nova concepção de ser humano, visando extrapolar aquela que está consagrada socialmente e transmitida de geração em geração. O ser humano é formado de alma e corpo, matéria e espírito. E, ao invés de compreender essa afirmação de maneira integrada e global, restringiu-se ao entendimento dualista e fragmentado.

Nesse artigo, o autor mostra como elemento central essa fratura que mexe com a concepção de ser humano integral, apartando o transcendental do material, o espírito do corpo. O resgate dessa articulação é imprescindível; assim como o encontro possível entre fé e ciência, um nexos há não muito tempo inadmissível pelos próprios interlocutores. Contrapõe-se experiência de vida e doutrina, tendo essa última corroborado no determinar, no moldar corpos e mentes de variadas gerações.

Posteriormente, surgiram os diversos saberes relacionados ao corpo e à matéria e os vinculados ao espírito. Boff (2009) afirma que “perdeu-se a unidade sagrada do ser humano vivo que é a convivência dinâmica de matéria e de espírito entrelaçados e inter-retroconectados”. Nessa dimensão, o espírito permite fazer experiências de “não dualidade”. A

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

partir do espírito é possível compreender e captar o significado e o valor (sentido) das coisas de maneira consciente.

O termo “espiritual”, em decorrência do seu significado, pode realmente remeter ao tipo de inteligência que se procura analisar neste artigo. Para Wolman (2001), “a inteligência espiritual é a capacidade humana de fazer as perguntas fundamentais sobre o significado da vida e de experimentar simultaneamente a conexão perfeita entre cada um de nós e o mundo em que vivemos” (p.15).

Seria uma inteligência que abrange diretamente questões existenciais. Esse autor refere-se a uma inteligência do ser que vai além do simplesmente fazer. Confirmando essa abordagem, Gardner (1995), teórico da teoria das inteligências múltiplas, cita sete tipos de inteligências, mas, pensando além do que está posto, ousa citar uma possível função para a inteligência espiritual:

A inteligência moral ou espiritual serve como uma candidata razoável para uma oitava inteligência, embora existam razões igualmente boas para considerá-la um amálgama da inteligência interpessoal e da inteligência intrapessoal, com um componente do valor acrescentado. O que é moral ou espiritual depende imensamente dos valores culturais; ao desenvolver as inteligências, nós estamos lidando com capacidades que podem ser mobilizadas pelos valores de uma cultura, e não pelos comportamentos que são, eles próprios, valorizados de uma maneira ou outra. (p.46).

Torralba (2013) destaca que “a inteligência espiritual faculta ao ser humano a análise valorativa da própria existência e dos ideais e horizontes de sentido da mesma, porém, também, abre outras possibilidades que não estão contidas no termo existencial” (p.10). A inteligência espiritual seria identificada como característica da condição humana. Sendo assim, todo ser humano, em qualquer nível de desenvolvimento, possui essa inteligência, “toda pessoa tem dentro de si a capacidade de buscar a integração de seu ser com a realidade mais ampla que a sua e, ao mesmo tempo, dispõe da capacidade para encontrar um caminho para tal integração” (p.46).

O conceito de inteligência espiritual confere sentido ao agregar-se aos aspectos emocional e racional, emergindo como uma nova e possível visão para pensar o comportamento humano. Acredita-se que a inteligência espiritual presente em cada mulher e homem pode se constituir como fundamentação à busca do desenvolvimento sustentável, integrando as dimensões cultural, objetiva e subjetiva de encontro aos processos dissociativos e predatórios do planeta. Zohar e Marshall (2012) destacam-se como primeiros na sistematização do conceito de inteligência espiritual, defendendo que é “a inteligência com a qual podemos pôr nossos atos

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

e nossa vida em um contexto mais amplo, mais rico, mais gerador de sentido, a inteligência com a qual podemos avaliar que um curso de ação ou caminho na vida faz mais sentido que outro” (p.18).

Torralba (2013) argumenta que a inteligência espiritual não é propriedade de um determinado credo confessional religioso. O ser humano possui essa capacidade independente de crenças religiosas; mesmo que todo indivíduo possua necessidades de ordem espiritual, ele pode desenvolver-se dentro ou fora de alguma tradição religiosa. “A inteligência espiritual é uma capacidade que permite múltiplos desenvolvimentos e experiências” (p.13).

O itinerário espiritual pode ser feito com algum instrumento oferecido por movimento/segmento religioso que inicia e/ou conduz as pessoas nessa seara, com a possibilidade de a qualquer tempo ela decidir seguir individualmente. Emblemático, por exemplo, é o famoso “Caminho de San Tiago de Compostela”, onde a coloração religiosa se torna irrelevante sendo peregrinação notadamente eclética. Observa-se um processo de diferenciação de significados entre a expressão religiosa e a espiritual. Nesse sentido, realça-se que essa percepção de espiritualidade envolveria questões relacionadas à transcendência, ao significado da vida e à própria razão do existir, ou seja, aspectos que muitas vezes estão presentes na vivência religiosa das pessoas.

Vive-se em uma sociedade fragmentada, marcada por um exacerbado individualismo. Prioriza-se a cultura do eu, do isolamento. Para Yus (2002), a educação do século XXI deve ser totalmente integral, ou seja, precisa englobar todas as dimensões de uma pessoa: cognitiva, emocional, psicológica, social, cultural e espiritual, integrando as diversas dimensões do fenômeno educacional. Partindo dessa premissa, o conhecimento escolar precisa ser organizado a partir de uma visão globalizante, que fuja do modelo tradicional aplicado aos currículos escolares. O cenário educacional não pode mais permanecer arraigado aos modelos tradicionais, com um pensamento linear, voltado unicamente para uma posição analítico-mecanicista, que sustenta uma estrutura fragmentada e a hegemonia das disciplinas acadêmicas. É preciso buscar alternativas para uma educação que, por muito tempo, esteve sob o domínio do materialismo e do mecanicismo, que concebiam seus estudantes como compartimentos disjuntos, que não interagiam em si.

Urge a necessidade de uma educação que fomente a construção de nova visão da realidade, mais humana, observadora e com relações diversas, estabelecidas entre as partes constituintes do todo universal, que se compreenda que o todo não é todo sem as partes. Yus

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

(2002) defende que a educação precisa ser entendida como uma oportunidade que conduz o estudante a buscar conexão com o universo que o rodeia. Assim, a educação precisa construir articulações entre diferentes saberes, direcionando-os para uma formação integral, fundamentados numa visão de mundo que prima pela totalidade em contraposição à visão fraturada apresentada até então. Nessa perspectiva, faz-se necessário romper com todo o modelo tradicional e seletivo de se trabalhar na educação, e aderir a uma prática educativa que considere aptidões, interesses, habilidades e também as realidades sociais de cada estudante.

A partir de uma perspectiva de formação integral, os estudantes são reconhecidos como protagonistas, pois assumem a responsabilidade por sua própria aprendizagem. As necessidades deles são contempladas nas experiências de aprendizagens. Existe o envolvimento ativo quando estão em grupos e contextos de acordo com as necessidades. Assim, constrói-se uma máxima nesse sistema, no qual a aprendizagem é compreendida, aplicada, demonstrada e interiorizada. Ao haver certa consciência, a comunidade escolar pode, sim, inserir em suas grades curriculares a preocupação e o enfrentamento de temáticas que outrora foram determinadas como marginais pelo próprio sistema econômico, como a preocupação ambiental, o respeito e a inclusão do outro, educação para a paz, uma espécie de ética planetária desde os anos iniciais do ensino formal.

Yus (2002) retoma ainda a necessidade de priorizar a formação integral no sistema educacional, principalmente diante do caos atual presente na sociedade. A proposta apresentada pelo autor volta-se para o desenvolvimento e a inclusão das questões de valores como parte dos conteúdos curriculares. Poderia ser uma possibilidade de aproximação, de conexão entre escola e vida, a partir de uma perspectiva social e crítica. Torralba (2013) explica que os valores não são realidades tangíveis, mas configuram-se como uma força motriz que guia a existência de uma pessoa. Não são fatos, ou muito menos paixões, são referências para a vida. O valor é um alvo norteador que mostra por onde se deve seguir. Esse processo de vivência a partir de valores seria gradual, pois nunca se alcança em plenitude.

CONCLUSÃO

Diante das teorias apresentadas, compreende-se que o conceito de inteligência espiritual não se confunde com credos filosóficos ou religiosos; o humano pode ser indiferente a ideologias e agnóstico, e, mesmo assim, desenvolver essa dimensão. A inteligência espiritual, todavia, ultrapassa a realidade fungível, possibilitando ao indivíduo experiências de

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

transcendência, nomeada como a “inteligência da alma”. Enseja-se extrapolar as linearidades cotidianas do homem mediano.

A inteligência espiritual se apresenta pela abordagem das questões referentes ao sentido da vida. É plausível refletir sobre o sentido e o significado da existência humana, com a memória do passado, vivendo com consciência o hoje e projetando o porvir. Essa inteligência pode, em condomínio com as demais, contribuir com o equilíbrio e, quiçá, aperfeiçoamento do ser. Faz sentido pensar, porém, em um paradigma integrador que possa dar uma certa esperança, convertida em alento para mudar ou quem sabe alterar o sistema de educação. Não com estruturas prontas e acabadas, mas com possibilidades, processos de práticas educativas mais integradas, objetivos que foquem no estudante como sujeito principal de sua aprendizagem no processo educativo. A educação numa visão holística e integral necessita da participação do ser, em seu todo, contemplando todas as dimensões.

Privilegiado o espaço escolar, bem como a faixa etária que ali circula porquanto possíveis sujeitos de mudança de modelo, seja pela interação com novas ideias e tecnologias e até passando pelos anos de rebeldia nos quais frequentemente são questionados desde os valores vigentes até o reconhecimento da autoridade. Assim, há possibilidade do conhecimento de outras visões de mundo e, com embasamento, optar por características que fujam da linearidade e se alinhem com os valores da solidariedade e da justiça social, os quais são caros a uma aproximação íntima com a inteligência espiritual.

Numa perspectiva da formação integral, educadores, cidadãos e pais de inúmeros movimentos e procedências manifestam um interesse comum pelo futuro da humanidade, por isso a educação pode ser esse espaço de superação, de construção de vínculos, de conexões, de integralidade e inteireza. Acredita-se em um universo integrado, em que todas as forças estão interligadas numa unicidade que supera a fragmentação social e escolar. A partir dessa premissa, investir no desenvolvimento e no reconhecimento de inteligência espiritual poderia ser uma tentativa de contribuir positivamente na educação, tanto para os discentes como para os docentes.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária**. 2009. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>> Acesso em: 26 set. 2015.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

- BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- GARDNER, Howard. **Inteligência: um conceito reformado**. [S.l.]: Editora Objetiva. 2000.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- OBJETIVA. Daniel Goleman. Disponível em http://www.objetiva.com.br/autor_ficha.php?id=70. Acesso em 11 nov. 2016.
- TORRALBA, Roselló Francesc. **Inteligência Espiritual**. Tradução João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis.RJ: Vozes, 2013.
- TREVISOL, Jorge. **Labirintos da alma: um jeito amoroso de olhar para o mistério de si mesmo**. Porto Alegre. Gênese Editora, 2011.
- WOLMAN, Richard. **Inteligência espiritual: um método revolucionário para você avaliar e expandir seu nível de consciência espiritual**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- YUS, Rafael. **Educação Integral: uma educação holística para o século XXI**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **Q S: Inteligência espiritual**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva livros, 2012.